

## **A viola e a música de Domingos Caldas Barbosa: uma investigação bibliográfica**

*Marcia Tabora*  
*Departamento de Música/UFSJ*  
e-mail: [marciataborda@globo.com](mailto:marciataborda@globo.com)

### **Sumário:**

A pesquisa propõe investigar a bibliografia brasileira dedicada a Domingos Caldas Barbosa, visando elucidar a possível atuação do poeta como compositor e tangedor de viola durante o período em que viveu em Portugal, na corte de D. Maria I.

**Palavras-Chave:** Domingos Caldas Barbosa, viola, bibliografia, música popular.

Domingos Caldas Barbosa se insere na cultura brasileira, notadamente na sua vertente musical, como introdutor da modinha e do lundu na corte de D. Maria I, gêneros considerados “pilares mestres sob os quais se ergueu todo o arcabouço da música popular brasileira”, segundo Mozart de Araújo (Araújo, 1963:11). Tais considerações levaram a intermináveis debates envolvendo a possível comprovação da origem portuguesa/brasileira da modinha e por decorrência, geraram questões relativas à proveniência erudita ou popular do gênero.

Em meio a tantas especulações, um ponto comum sobressai na documentação referente ao poeta: todos os estudiosos, sem exceção, afirmaram que o veículo para a realização das manifestações musicais de Caldas teria sido a viola, instrumento por ele mesmo tangido. Nada teríamos a acrescentar a esse respeito, não fossem os recentes estudos publicados pelo musicólogo português Manuel Morais, que atestam a impossibilidade de comprovação de que Caldas tocasse viola ou ainda de que fosse ele o compositor das músicas que davam suporte a seus poemas<sup>1</sup>.

Segundo o autor:

Deve-se a Caldas Barbosa a introdução, nos salões aristocráticos lisboetas de seu tempo, das modinhas e lunduns brasileiros, se bem que esta responsabilidade só lhe deva ser imputada a nível poético. É repetidamente dito nas suas biografias que era, além de poeta, cantor (na acepção vulgar da palavra), tocador de viola e até autor da música das suas modinhas, factos que nunca conseguimos ver provados nos documentos que consultámos. (Morais, 2000:71).

### **Os biógrafos de Caldas Barbosa**

O primeiro biógrafo de Caldas Barbosa foi o Cônego Januário da Cunha Barbosa, sobrinho do poeta. Cunha Barbosa, que nasceu em 10 de julho de 1780, tomou ordens sacras em 1803 e no ano seguinte fez viagens à Lisboa, voltando ao Rio de Janeiro em 1805. Para elaborar seu testemunho sobre Caldas Barbosa contou com o depoimento de um outro parente, também sobrinho do poeta. Considera-se ainda a possibilidade de que em sua passagem por Lisboa, o cônego Januário tivesse travado contato com pessoas do convívio de Caldas, cujo falecimento se dera há apenas quatro anos.

---

<sup>1</sup> Os trabalhos em questão são: Modinhas, lunduns e cançonetas com acompanhamento de guitarra inglesa. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000. e Domingos Caldas Barbosa – Música escolhida da Viola de Lereno (1799). Portugal: Estar - editora, 2003.

Essa biografia, publicada em 1842 no volume 4 da Revista do I.G.H.B., se constituiu, sem dúvida, na fonte original de informações que vieram a se difundir sobre Caldas Barbosa. A respeito da relação do poeta com a música, atestou o cônego:

Faltando-lhe os auxílios de seu pai, até que por felicidade sucedeu ser apreciado no Porto pelos dois bem conhecidos amantes da litteratura José de Vasconcelos (depois Marques de Bellas) e Luiz de Vasconcelos (depois Conde de Figueiró), então desembargadores na Relação daquela cidade, os quaes, fazendo justiça a seus *talentos poéticos e músicos* o acolheram em sua casa, e o fizeram entrar no conhecimento e estima das pessoas mais gradas daquela cidade. [...] O seu gênio era admirado, mórmente quando improvisava com muito acerto e graça, *tangendo uma viola*, e cantando as glosas que fazia aos assumptos lyricos que se lhe davam.

Em 1850, no *Florilégio da literatura brasileira*, Adolpho de Varnhagem se ocupou do nosso poeta, também elogiando seus talentos de músico:

Além disso introduziu-o (referindo-se a José de Vasconcelos) em toda a boa sociedade da corte, cuja estima o protegido depois soube cantar, já pela facilidade de seus *improvisos cantados ao som da viola*, à similhaça de um lyrico grego ou de um trovador da idade média, já por sua alma affectuosa e inoffensiva, que não creava inimigos, nem era acessível a intrigas. [...] Nos aristocráticos sermões das Caldas, nos cansados banhos de mar, nos pitorescos passeios de Cintra, em Bellas, em Queluz, em Bemfica, sociedade onde não se achava *Caldas com sua viola* não se julgava completa.

Numa outra passagem, Varnhagem menciona o acolhimento que tinham as cantigas de Caldas, destacando o fato de os ouvintes aplaudirem não só a poesia, mas também a melodia do acompanhamento da voz e da viola, docemente executada pelo trovador. Este autor voltaria a se ocupar de Caldas Barbosa, desta vez num relato de maior dimensão, publicado em 1851 na Revista de nº XIV do I.H.G.B., no qual reitera as observações a respeito de Caldas e a música.

Ainda no século XIX, Joaquim Manuel de Macedo no *Anno Biographico Brasileiro*, traçou o perfil de Caldas Barbosa, no qual mencionou: “Como tocasse bem viola e cantasse agradavelmente modinhas e lunduns, tornou-se o socio almejado e aplaudido das melhores companhias” (Macedo, 1876:377). Em 1893, Sacramento Blake no *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, ao comentar dura crítica endereçada à Viola de Lereno, coleção das cantigas de Caldas Barbosa (desprovidas da parte musical), cujo primeiro volume foi publicado em 1798, e a segunda, postumamente, em 1826, diz: “Que injustiça avaliar-se o mérito de um poeta por cantigas chulas, improvisadas na mais estreita intimidade, entre commensaes, no lar, sob o imperio da rima, na linguagem propria do povo ignorante, ao mesmo tempo em que se desferem as cordas de uma viola!” (Blake, 1893:198). A biografia do poeta consta ainda do *Diccionario Bibliographico Portuguez* por Inocência Francisco da Silva, publicado em Lisboa em 1859, e no *Pantheon Fluminense*, Esboços Biographicos por Prezalindo Lery Santos, publicado no Rio de Janeiro em 1880.

No século XX, na grande maioria das publicações dedicadas à música popular onde nome de Caldas Barbosa é mencionado, sua atuação estará sempre vinculada à modinha e ao lundu, gêneros que teria praticado, de acordo com os pesquisadores, acompanhando-se de uma viola.

No mais clássico estudo dedicado aos gêneros, o livro *A modinha e lundu no século XVIII*, Mozart de Araújo atesta: “Só em 1775 – fixemos esta data- temos notícia do poeta, publicando as suas primeiras obras e freqüentando os palácios dos fidalgos, com a sua viola debaixo do braço (Araújo, 1963:29); José Ramos Tinhorão, por sua vez, no quinto capítulo do livro *História Social da Música Popular* registra que o poeta carioca tocador de ‘viola de arame’, o mulato Domingos Caldas Barbosa, marcou a criação do primeiro gênero de canto brasileiro; Câmara Cascudo na apresentação da edição de bolso dos poemas de Caldas, atestando a atividade do violeiro, acrescenta que relativo ao período em que vivia no Rio de Janeiro, “nada sabemos das solfas que se perderam todas, embora algumas ainda fossem cantadas na primeira década do século XX no Nordeste do Brasil”. (Cascudo, 1971:11).

## Fontes coevas

Os poemas de Caldas, concebidos para serem cantados, trouxeram uma novidade que causava tanto a admiração quanto a contestação: a maneira coloquial e direta com que abordava temas amorosos e sentimentais, temperando-os com muita malícia. O sucesso do poeta brasileiro despertou tamanha ira em Bocage, que, movido por este sentimento, produziu documento de inegável valor, atestando as relações entre Caldas e a viola:

Preside o neto da rainha Ginga  
A corja vil, adúladora, insana;  
Traz sujo moco amostras de chanfana  
Em copos desiguais se esgota a pinga.

Vem pão, manteiga e chá, tudo à catinga;  
Masca a farinha a turba americana;  
E o orang-utang a corda a *banza* abana,  
Com gestos e visagens de mandinga

Um bando de comparsas logo acode  
Do fôfo Conde ao novo Talaveiras;  
Improvisa berrando o rouco bode;

Aplaudem de contínuo as frioleiras  
Belmiro em Ditirambo, o ex-frade em Ode,  
Eis aqui do Lerenó as quartas-feiras.

O quadro pintado por Bocage, satiriza reunião da Academia de Belas Artes de Lisboa, a “Nova Arcádia”, fundada e presidida por Caldas Barbosa. Os encontros eram realizados às quartas-feiras no palácio do Conde de Pombeiro<sup>2</sup>. Bebia-se e comia-se ao som da viola tangida por Caldas. O vocábulo *banza*<sup>3</sup>, do quimbundo *mbanza*, está consignado no Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda como “grosseira guitarra africana de quatro cordas, (popular viola, guitarra)”, cordofone que se prestaria perfeitamente a ser tangido por Caldas então na condição de um orangotango.

A despeito dos trechos utilizados, a hipótese de que Caldas era mesmo tocador de viola, encontra apoio em prova irrefutável, de natureza circunstancial: se seus poemas, como todos admitem, foram feitos para serem cantados e acompanhados à viola, não nos é possível imaginar que o poeta estivesse sempre improvisando suas cantigas acompanhando-se de um outro violeiro. Levando-se em conta a ferocidade com que alguns de seus contemporâneos o detrataram, nos é fácil supor que os mesmos jamais deixariam escapar da troça a imagem do poeta e seu eterno acompanhante.

Quanto ao fato de Caldas Barbosa ser o compositor da música que dava suporte a seus versos, Manuel Morais tem razão em afirmar que se carece de fontes coevas que atestem a veracidade dessa afirmação.

Na história recente da música popular brasileira, um outro personagem cumpriu papel semelhante ao de Caldas: Catulo da Paixão Cearense. Todos os que conviveram com o trovador, foram unânimes em afirmar que Catulo não possuía conhecimentos musicais. Nas inúmeras canções que escreveu foi autor apenas dos poemas. Sabemos, no entanto, quem foram os autores da música

---

<sup>2</sup> Segundo Câmara Cascudo, Belmiro é Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira, o ex-frade, Elmiro Tagideu, e o Pe. José Agostinho de Macedo é Elmano Saldino. In Caldas Barbosa, poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1972. p. 19.

<sup>3</sup> José Pedro Machado no Dicionário Etimológico da língua portuguesa, menciona a utilização do termo por Bocage em um outro soneto: “Digno rival do mocho, e da coruja quando a voz desenfrêa, a banza afina”.

que envolvia seus textos. Grandes compositores de música instrumental do período como Anacleto de Medeiros, tiveram suas melodias transpostas para o universo da canção pela pena de Catulo<sup>4</sup>.

No que diz respeito a Caldas Barbosa, não se tem esse testemunho. Alguns de seus versos foram musicados por compositores de escola como Marcos Portugal (1762-1830), resultando numa produção de características e proporções distintas das cantigas de sabor brasileiro. Caldas produziu ainda libretos para farsas como *A saloia namorada ou O remédio é casar*, cuja música foi escrita por Antonio Leal Moreira (1758-1819), primeiro maestro - compositor do Real Teatro São Carlos responsável por encenações inaugurais de obras cantadas em português. Tal convite permite avaliar o prestígio de Caldas na corte portuguesa. Note-se ainda que era de praxe a apresentação de dramas assinados pelo maestro responsável pelo Teatro e que esta forma de apresentação musical requer conhecimentos bem mais profundos do que os exigidos para a composição de simples cantigas. Não afirmamos que Caldas tivesse tais conhecimentos.

### Considerações finais

O fato de não haver compositor para as cantigas de Caldas é bastante significativo. Na tradição da música popular é incontável o número de publicações de modinhas que circulavam pelo Rio de Janeiro, sempre desprovidas da parte musical e muitas vezes deixando de mencionar o autor da música; tão pouco era prática do compositor popular anotar suas melodias; estas se faziam conhecer pelo processo de difusão oral. Como bem observa o historiador Gwyn Prins, “A transmissão de grandes quantidades e formas especiais de dados orais, de geração para geração, requer tempo e um esforço mental considerável; por isso, deve ter algum propósito” (Prins, 1992:173).

Um outro aspecto salientado por estudiosos como Gerard Behágue e Carlos Sandroni não pode ser jamais posto de lado: o sabor das palavras utilizadas nos poemas de Caldas - nhonhô, nhanhazinha, infadadinha, mugangueirinha - linguagem tipicamente popular e brasileira, ou como disse Mário de Andrade, verdadeiro “compêndio de brasileirismos vocabulares”, foi ressaltado por uma composição musical (anônima) cuja estrutura, especialmente rítmica, complementava-lhe também brasileiromente o tempero, especialmente no efeito singular resultante da utilização da síncope.

Embora a questão ainda esteja por ser resolvida, as circunstâncias apontam para determinadas direções: que Caldas não dominasse a escrita musical, vá lá, era característica peculiar à grande maioria dos compositores populares. Não fosse ele o compositor destas melodias, que outro personagem estaria habilitado a fazê-lo?

### Referências Bibliográficas

- Araújo, Mozart de, (1963). *A modinha e o lundu no século XVIII*. São Paulo: Ricordi.
- Barbosa, Domingos Caldas, (1980). *Viola de Lereno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Barbosa, Januário da Cunha, (1842). Domingos Caldas Barboza. *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. vol. 4, Rio de Janeiro, [ 210-224].
- Behágue, Gerard, (1968), Biblioteca da Ajuda (Lisbon) Mss. 1595/1596: two eighteenth-century anonymous collections of modinhas. *Anuário do Instituto Interamericano de Pesquisa Musical*, vol IV, [44-81].
- Burke, Peter (org), Prins, Gwyn, *et al*, (1992). *História Oral. A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. Tradução de Magda Lopes. 3 ed. 163-198.
- Cascudo, Luís da Câmara, (1972). *Caldas Barbosa: poesia*. Rio de Janeiro: Agir.

---

<sup>4</sup> Para aprofundar a questão, ver o trabalho “Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830/1930”.

- Machado, José Pedro, (1952). *Dicionário etimológico da língua portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Editorial Confluência.
- Macedo, Joaquim Manuel de, (1876). *Anno Biographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e lith do Imperial Instituto Artístico, [ 377-380].
- Morais, Manuel, [Org], (2000). *Modinhas, lunduns e cançonetas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Morais, Manuel, (2003). *Domingos Caldas Barbosa: Muzica escolhida da viola de Lereno (1799)*. Lisboa: Estar editora.
- Sacramento Blake, Augusto Victorino Alves, (1893). *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2 vol.
- Sandroni, Carlos, (2001). *Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ.
- Silva, Inocêncio Francisco da, (1859). *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa.
- Santos, Prezalindo Lery,(1880). *Esboços biographicos. Pantheon Fluminense*: Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, [ 245-248].
- Taborda, Marcia Ermelindo, (2004). *Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830/1930*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História Social: UFRJ.
- Tinhorão, José Ramos, (1986). *Pequena História da música popular; da modinha ao tropicalismo*. 5.ed. São Paulo: Art.
- Tinhorão, José Ramos, (1998). *História social da música popular brasileira*. São Paulo: 34, 1998.
- Tinhorão, José Ramos, (2004). *Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800)*. São Paulo: Editora 34.
- Varnhagem, Francisco Adolpho de, (1850). *Florilégio da poesia brasileira*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Varnhagem, Francisco Adolpho de, (1851). *Domingos Caldas Barboza*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XIV, [449-460].